

LEITURA: INTERAÇÃO E TRABALHO

Odália Bispo de Souza e Silva
Faculdade Alfredo Nasser
Aparecida de Goiânia, Goiás, Brasil
odalia@unifan.edu.br

RESUMO: Neste trabalho, abordaremos o conceito de leitura tendo em vista que há uma intrínseca relação entre o texto, o sujeito e o leitor. Partimos do princípio de que os sentidos daí decorrentes encontram-se em eterna movência, não estando prontos e definidos apenas na materialidade dos textos. É, pois, o trabalho do leitor de preencher os vazios, que inevitavelmente constituem os textos, que vai culminar numa leitura mais ou menos apropriada. Buscaremos refletir aqui acerca do fato de que esse processo é também inerente ao trabalho de leitura que se deve desenvolver em um curso de graduação. Consideramos que, em todas as experiências de leitores há que se reconhecer em que consiste esse trabalho de ler e em que medida o sujeito leitor encontra-se implicado no texto. Para isso, mobilizaremos contribuições de autores interessados nessa relação autor-texto-leitor, tais como: Alberto Manguel (1997), Umberto Eco (1996), Eni Orlandi (2008), Marcuschi (2008), Koch; Elias (2006).

PALAVRAS-CHAVE: Texto. Sentido. Sujeito. Leitor. Leitura.

INTRODUÇÃO

O aprimoramento da capacidade de leitura e compreensão dos textos¹ é um desejo quase generalizado entre estudantes do Ensino Superior (e dos leitores em geral). Pelo que tenho observado ao longo de minha experiência enquanto

¹ Consciente de que há vários conceitos que podem ser atribuídos ao *texto* e que, ao longo dos últimos anos ocorreram diversas mudanças quanto ao modo de encará-lo, estamos tratando *texto* aqui “como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais. (KOCH, 1997 apud BENTES, 2004)

professora de Língua Portuguesa para falantes nativos, este desejo emerge imbuído em um misto de fatores como: crença no mito de que ler é uma tarefa muito difícil (e chata!) e que só os grandes intelectuais são capazes de fazê-lo de forma apropriada; concepção errônea de que a leitura é necessária apenas em determinadas profissões; incapacidade para lidar com o texto etc. A isso se vincula, dentre diversos outros elementos, o fato de que, normalmente, esses alunos são oriundos de uma formação escolar básica bastante precária e tornam-se portadores de autoestima baixíssima acerca de sua capacidade de lidar com a própria língua (embora seja ela seu principal recurso de comunicação durante toda a vida) e, sobretudo, com a norma culta dessa língua, modalidade na qual comumente os textos são escritos.

Partimos do pressuposto de que qualquer trabalho visando auxiliar o aluno no desenvolvimento da capacidade de ler e compreender textos deve iniciar-se com a explicitação de como deve ser compreendido o ato de ler. Assim, alguns questionamentos são inevitáveis: **como se concebe a atividade de leitura? Em que medida os sujeitos leitor e escritor encontram-se implicados no texto?** Para responder a perguntas como essas, propomos um breve percurso acerca do que tem sido colocado em evidência por estudiosos do texto, promovendo uma reflexão sobre as tão temidas e desprezadas atividades de leitura e interpretação de textos. Com isso, tendo em vista que a leitura deveria ser uma atividade tão corriqueira quanto ver televisão ou fazer um passeio pelo Shopping Center, objetiva-se torná-la mais acessível, permitindo aos aprendizes a abertura de horizontes novos nesse universo, como tantos outros que deverão perscrutar no Ensino Superior.

É comum ouvirmos afirmações do tipo *ler é reconhecer o que o autor quis dizer*. Essa tarefa, ainda que realmente interessante, parece um tanto difícil de ser executada. Como fazer esse reconhecimento se não sabemos nada sobre o autor ou sobre a época em que ele viveu? Logo, trilhando por este caminho, o resultado poderá não ser uma leitura adequada, pois, para reconhecer o que o autor quer dizer com o texto, a leitura apenas da sua superfície, da sua materialidade não basta. Ouvimos também que a dificuldade de leitura deve-se ao não entendimento do significado das palavras do texto. De fato, isso atrapalha e muito. No entanto, o

domínio do vocabulário e das estruturas frasais da língua não garante uma leitura eficaz, pois, se assim fosse, qualquer pessoa que se dedicasse a esses aspectos estruturais seria altamente capacitada para ler qualquer tipo de texto. A realidade comprova que isso não é possível. Um professor de Português, por exemplo, pode fazer uma leitura bastante equivocada de um texto de Química. Isso significa dizer que a leitura de um texto não pode estar focada apenas no autor, nem somente no próprio texto. Defendemos, conforme Koch e Elias (2006), que o leitor de um texto deve levar em conta a relação autor-texto-leitor no momento da leitura. São esses três elementos que, totalmente imbricados no texto, permitem uma leitura apropriada.

2. METODOLOGIA

A interação autor-texto-leitor pressupõe uma ação do leitor bastante responsável e comprometida diante do texto, pois a busca pelos não-ditos, pelos implícitos exige um deslocamento da superfície textual e só será bem sucedida se essa empreitada for encarada como um trabalho. Nessa perspectiva, Marcuschi (2008, p. 230) postula: “compreender exige habilidade, interação e trabalho”. É possível que, para alguns, pensar a leitura como um trabalho não seja algo altamente agradável, pois, normalmente, queremos um caminho mais fácil para chegar ao destino desejado, queremos uma fórmula mágica para solucionar os nossos problemas. Conceber a leitura como um trabalho pressupõe o papel ativo do leitor na construção do sentido do texto, que se encontra inacabado e necessita ser completado.

Assim, o comportamento de quem se coloca na condição de interpretante de um texto, qualquer que seja, deve se pautar na busca por explicitar informações que, mesmo não estando expressas na materialidade, são requisitos fundamentais para que a interpretação se configure. O foco do leitor deve centrar-se nos *possíveis interpretativos* – termo utilizado por Patrick Charaudeau para referir-se a elementos languageiros, semânticos e formais, que constituem-se como “instrumentos úteis para interrogar o(s) texto(s)” – que surgem (ou que podem ser observados) no processo discursivo e que são reflexos das representações linguísticas a partir das

experiências dos indivíduos envolvidos em determinadas práticas sociais. (CHARAUDEAU, 2008, p. 28).

Objetivando elucidar elementos que viabilizem uma melhor competência na semantização dos textos, buscaremos discutir aspectos inerentes aos sujeitos, os sujeitos de linguagem, tendo em vistas as habilidades de ler e escrever. Focaremos, ainda, a relação texto/leitor a partir da materialidade discursiva. Para além disso, serão evidenciados aspectos que envolvem o leitor moderno, sempre imbuído do suporte digital. Todas essas reflexões serão, inicialmente, respaldadas em um aparato teórico contemplado pela Linguística Textual, seguido de análise de alguns dados, especialmente da leitura de histórias em quadrinhos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que os falantes possuem um conhecimento linguístico diversificado que os permite fazer as escolhas das formas que lhes parecem adequadas para realizar o objetivo que têm em mente ao estabelecer o ato comunicativo, pode-se dizer que, por intermédio da linguagem, que não é transparente, nem possui o sentido evidente, os indivíduos produzem, reproduzem ou desafiam a realidade social na qual estão inseridos. (ORLANDI, 2008). Em qualquer circunstância comunicativa, o interpretante, inevitavelmente, deve criar hipóteses (é como se fosse impossível que um indivíduo produzisse um ato de linguagem que correspondesse exatamente à sua intenção) para compreender, de fato, o que está sendo proferido.

O trabalho da articulação dos elementos discursivos a serem utilizados numa dada enunciação é resultante de uma ação do sujeito interagindo com a língua e fornecendo condições de produção e de interpretação. Logo, emergem aspectos concernentes à forma de existência social dos sujeitos, considerando-se fatores linguísticos e ideológicos que dão sustentabilidade ao percurso interacional. Nessa perspectiva, encontramos nos estudos de Mikhail Bakhtin (1997) referências importantes que trazem à tona discussões, como, por exemplo, a de um sujeito que se instaura *na* e *pela* linguagem; um sujeito que expressa a exterioridade e a presença do outro na constituição do discurso. Isto é, os enunciados linguísticos são

polifônicos, “estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade e pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado” (2000, p. 314).

4. CONCLUSÃO

A partir do que se propõe aqui, compreende-se que os sentidos encontram-se em eterna movência e não estão prontos e definidos na materialidade dos textos. Para empreendê-los, é necessário que o leitor execute, de fato, um trabalho, objetivando alcançar a melhor interpretação possível e, por que não dizer, a apropriada. Essa tarefa tornar-se-á mais fácil à medida que o leitor experimenta o maior quantitativo de leituras, isto é, quanto mais contato o leitor tiver com textos diversos, menores serão as limitações e as surpresas nesse terreno tão movediço e incerto da leitura. Utilizando, mais uma vez, as palavras de Marcuschi (2008, p. 228), podemos concluir que a nossa percepção (ou nossa capacidade de compreensão) “é, em boa medida, guiada e ativada pelo nosso sistema sociocultural internalizado ao longo da vida”. Isso nos permite destacar, então, que não nascemos com uma espécie de *chip* que nos auxiliará a ler bem os textos com os quais tivermos contato durante a vida, mas poderemos nos tornar excelentes leitores se fizermos dessa atividade um hábito e quanto mais contato temos com os instrumentos da língua, com autores e textos, mais suportes adquirimos para fazer leituras cada vez mais apropriadas.

5. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BAKHTIN, M. *Para uma Filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotelo e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. (org.) *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 77-105.

- CHARTIER, Roger. Post Scriptum. Do códex à tela: As trajetórias do escrito. In: CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Trad. Mary Del Priore. Brasília: UNB, 2004. p. 95-111.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. M. Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 121-139.
- ECO, U. O leitor modelo. In: ECO, U. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 35-50.
- KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2001.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ORLANDI, E. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: ORLANDI, E. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 101-118.